

**Natália Matos abraça o pop classudo em Não Sei Fazer Canção de Amor**

*Em seu segundo disco, Não Sei Fazer Canção de Amor, Natália assina 9 das 10 canções e se consolida como uma compositora pop.*

Natália Matos encabeça a safra de artistas paraenses que apresenta trabalhos cosmopolitas ao mesmo tempo que reafirma a excelência na produção de um pop rico em multi-referências, construído majoritariamente na cidade de Belém.

Assistida por Léo Chermont (do duo Strobo), que assina a produção e a acompanhou durante um ano num processo de imersão e troca de referências, e sob a Direção artística de Carlos Eduardo Miranda, Natália Matos abraça o pop classudo em Não Sei Fazer Canção de Amor, um disco que amplia horizontes para sua musicalidade, e onde Natália se consolida como compositora.

“A ideia de fazer um disco todo autoral veio da certeza de que nada mais legítimo, coeso, nada que me represente melhor do que o que sai naturalmente de mim”, explica Natália Matos, o que demonstra uma preocupação que perpassou todo o processo de feitura que resultou em Não Sei Fazer Canção de Amor, um álbum que reúne um grupo de canções que já nasceram pop, e cujo trabalho de Léo e Natália sob a direção de Miranda foi tira-las do óbvio, “mas sem desvirtuar se, respeitar o caminho natural pra onde elas apontavam”, observa Natália. A artista fala de maneira direta e muito própria sobre o cotidiano e anseio dos *millennials*, e com tamanha maturidade que consegue ampliar o seu espectro de ouvintes.

Nascida em Belém, onde estudou piano na Escola de Música da UFPA, e com uma temporada de oito anos vivida em São Paulo dividindo-se entre estudos em Canto Popular (na Emesp) Arquitetura (no Mackenzie) e rodas de choro interpretando Aracy de Almeida, Adoniran e cantoras da Era do Rádio, Natália, em seu primeiro disco trouxe um diálogo “entre a estranheza pop de São Paulo e o suingue irresistível do Pará” numa declaração de amor a sua terra Natal. Não Sei Fazer Canção de Amor, no entanto, traz Natália ampliando fronteiras e olhando (e querendo) o mundo.

Primeiro single do disco, “Vamos Embora” foi a última canção a entrar no álbum. Sua parceria com o pernambucano Jam da Silva tem vibe leve e praieira. Começou reggae, mas foi se transformando numa faixa delicadamente pop, dançante, exalando frescor. Natália convidou Pratygy para somar na produção de Léo Chermont nesta faixa: “Ele tem muita referência de anos 80 e chegou com esse arranjo lindo. Quisemos manter esse flerte e Léo tocou uma guitarra a lá Nile Rogers”, conta Natália. A música nasceu após um carnaval em Ubatuba, litoral de São Paulo: “Dias lindos de leveza, sonhos e convicção monogâmica”, conta.

Já “A Cura” é uma das quatro canções de Não Sei Fazer Canção de Amor que Natália divide autoria. “É uma letra linda que Ana Clara me mandou”, diz Natália. “Sou muito fã do trabalho da Clarinha, e a melodia me veio intuitivamente romântica, melosa”, ela explica. “Fiquei com vergonha de mostrar por estar pop demais, mas ela adorou quando ouviu e já é a mais música mais pedida dos shows”, revela Natália sobre uma das canções mais delicadas do álbum, que ganha força no violão de aço tocado por Sabá Netto e no solo forte de guitarra de Léo Chermont.

A faixa título foi uma das primeiras compostas por Natália para o álbum e o arranjo explicita a influência do Daft Punk enquanto a letra adentra um universo que ela achava desconhecer. “Juro que não imaginei que o disco fosse ser de amor. Eu nem imaginei que soubesse fazer canção de amor. E talvez não saiba. Mas quando dei por mim tinha feito um o disco todo falando de amor e dos outros sentimentos que o rodeiam”, explica. Nessa toada, “Não Sei Fazer Canção de Amor”, a música, busca ressignificar o amor, seu peso e seu valor, “a gente precisa enxergar o amor onde o outro pode dar e não necessariamente como queremos ter”, acredita Natália.

Não Sei Fazer Canção de Amor é daqueles álbuns aconchegantes que o ouvinte começa a ouvir e, quando percebe, está se mexendo, dançando, e não quer tirar do repeat. “Esse é um disco desprezioso e honesto. E, talvez por isso, me faz sentir livre, convicta e dona dos próprios caminhos”, comenta. “Este ano, depois de muito negar, descobri que sou romântica. Agora estou curtindo isso. Ser livre, ser romântica nesse mundo doente é o que, hoje, me dá esperança. Agora sou romântica com convicção”, avisa.

O disco foi realizado através do patrocínio do Banco da Amazônia e de uma campanha de crowdfunding super bem sucedida, que agregou artistas como Fafá de Belém, Osmar Prado e outros importantes artistas locais, que ultrapassou a meta e possibilitou uma grande aproximação com o público que entrou em contato com o repertório ainda durante a produção do álbum.

No próximo dia 10 de novembro de 2017, o álbum estará disponível para audição e download em seu site oficial e em todas as plataformas digitais. Não Sei Fazer Canção de Amor exibe uma busca pessoal que realiza um desejo artístico, o feliz encontro de uma interprete com sua própria autoralidade, com a magia que brota da criação, e depois flutua no universo em busca de amplitude. “Fazer arte nos dias de hoje é resistir. É não endurecer”, justifica Natália. “Mais do que nunca, eu acredito na música que faço. Agora sigo com esse trabalho ora dançante, ora denso, com a meta de brindar, cantar e conectar por aí áfora”, ela deseja. Ela fez a parte dela. Agora é a hora de você fazer a sua. Play.